

FERNANDO P. FERNANDES

# O HERDEIRO

**coolbooks**

*Aos meus portos seguros:  
Cristina, Inês e Sofia*

Leitor amigo,

Primeiro que tudo, como manda a boa educação, quero apresentar-me. Sou o Onório, filho do Chico *Dois Cabaços* Cruz e da Aldina Carrega. Fiz-me poeta por gosto... Bem, na *berdade*, foi por *num* saber fazer mais nada. Não posso dizer que a *bida* me tenha corrido mal. Casei *co a* Maria e hoje *bibo* remediado com o que ganho dos meus poemas. Amigos tenho poucos. Um, *bá*: o Tone Semedo. Fui eu que o apresentei à Benedita, com quem *beio* a casar. Ainda *lebei* uma coça por isso. Ele *estaba enbergornado* e eu, para o ajudar, fui dançar com a moça, no baile. A Maria *biu-me* agarrado à pequena e foi o *bô* e o bonito. Mas olhai que há coisas do *carai*. Não é que *biemos* a descobrir que a Benedita *biria* a ser cunhada da minha irmã, que, afinal, parece que também é minha cunhada? Eu explico: a Benedita é irmã do Amâncio, que casou com a minha irmã Deolinda. Acontece que a Deolinda, ao

que parece, só é minha irmã por uma banda, que pela outra... Resumindo, há muito que desconfio que ela tem mais de *Brasileiro* do que de *Dois Cabaços*. Quer-me parecer que o Leonel *Brasileiro*, meu sogro, foi maroto e se aninhou *co* a minha mãe. Se for *berdade*, em má hora o fez. O meu pai, que Deus tem, nunca chegou a ter a certeza disso. E ainda bem. O desgosto teria dado conta dele mais cedo. Assim sendo, a minha irmã é também minha cunhada, *raios* a partam – que *num chegaba* ser minha *parenta* por uma banda...

Mas isso são contas de outro rosário. Hoje não *bou* falar de *mi*. O protagonista desta história é outro. Um traste que quis ser *home* da cidade. Foi-se embora cá da terra e renegou tudo: amigos, família e todos os que sempre olharam por ele. Passou a *bestir* roupa de domingo a cotio, a andar bem montado... Enfim, fez-se um figurão.

*Num* serei eu a contar a história do moço, caro leitor, que *num* tenho habilidade para tanto. Mas faço questão de ir de braço dado consigo, *salbo* seja, e *num* querendo abusar da confiança, e abrir cada capítulo com umas quadrinhas das minhas.

Agora, deixo-o com a história. Até já.

## Capítulo 1

«À terra *birou* as costas  
e *biu-se* um real milagre:  
ele sabia que moscas  
*num* se apanham com *binagre*.»

Onório

A cidade acordara tristonha e cinzenta, naquela manhã. As grossas gotas da chuva que tinham caído de madrugada haviam deixado um triste manto molhado sobre os passeios. Lá fora, ao longe, as buzinas e o frenesi matinal faziam despertar mais um dia arrepiantemente enfadonho que nem o sol de verão parecia querer viver.

Imbuído nessa atmosfera, Manuel preparava-se para mais um dia na cidade grande, para onde fora estudar e na qual, concluído o curso, se fixara, decidido a conquistar não só a cidade, mas também o futuro auspicioso e fervilhante de oportunidades que ela lhe prometia. Cedo mostrara vontade de sair da sua terra – uma pequena aldeia perdida no Minho – e instalar-se num lugar mais à sua medida: afinal, não estava talhado para apascentar gado, mas sim para construir impérios. Quando a oportunidade surgiu, terminados os estudos na escola secundária, não hesitou: Lisboa com ele, deixando para trás a família, a terra que o viu crescer e as memórias – que fez questão de deixar bem enterradas

acima do rio Lima. Desde o dia em que chegou à capital fez um esforço hercúleo para se adaptar aos jeitos, aos costumes e até à forma de falar dos «nativos». E começava a ver resultados. Se, nos primeiros meses, o sotaque o denunciava, hoje misturava-se com a facilidade de quem respira. Para isso, mudara o vestuário – as «sapatilhas» eram agora «ténis» –, a forma de assistir ao passar do tempo – «oito menos um quarto» transformaram-se em «um quarto para as oito» – e até os hábitos sociais, pois o «fino» passara a «imperial». Este caso particular era apenas aplicável a terceiros, já que o abstémio Manuel recusava qualquer dos dois. A crescer a todas estas mudanças, até a sistemática substituição do «v» pelo «b» havia caído por terra. Enfim, estava perfeitamente ajustado à sua nova condição. Para uma melhor adaptação, ficara noivo de Angélica, uma burguesinha cosmopolita, filha de Arsénio Possidónio, um magnata da área dos seguros, e vivia agora na zona fina da área metropolitana.

A vida de Manuel dividia-se entre o trabalho no escritório na cobertura do luxuoso *Atrium Arsénio Possidónio* – um edifício mandado construir de raiz pelo futuro sogro, a partir do qual o benjamim administrava sabiamente as empresas – e a satisfação dos caprichos da noiva. Arsénio rebentava de orgulho do seu prodígio – nem ele teria escolhido melhor. Por isso, a decisão de entregar ao rapaz o controlo parcial das empresas do grupo, aliviando assim o corpo cansado do pobre magnata, seria o passo natural. Manuel correspondia. Era empenhado e atento. A vontade de aprender com

o futuro sogro transbordava na atenção que dava aos seus ensinamentos, em cada gesto, em cada palavra, em cada bocejo de enfado. Mais do que seu sucessor, queria ser o seu reflexo. Para Arsénio, isso era motivo de gáudio. Durante anos, o seu maior desgosto fora não ter tido um filho varão que desse continuidade ao seu império. Na verdade, tivera essa oportunidade, mas o destino, algoz cruel, roubara-lhe o deleite.

Dois anos depois do nascimento da doce Angélica, Maria do Carmo, a mulher do eminente Arsénio, engravidou. Encheu-se de alegria o humilde apartamento que o jovem casal arrendara nos subúrbios da cidade. Porém, lamentavelmente, às trinta e cinco semanas de gestação, o tão desejado menino não resistiu a uma inexplicável infecção contraída pela gestante, deixando uma mágoa perene e profunda no recém-constituído lar.

Na altura, Arsénio dava os primeiros passos no universo dos seguros, depois de algumas investidas mais ou menos infelizes noutras áreas de negócio. O rombo emocional abalou o jovem empreendedor, mas o caminho, dizia, fazia-se para a frente. Não havia retorno. Aliás, toda a sua vida fora pautada por esse lema: o caminho fazia-se para a frente.